**ARTE-EDUCAÇÃO:
saberes e práticas metodológicas no ensino fundamental (anos iniciais)**

**ART-EDUCATION:
knowledge and methodological practices in elementary school (initial years)**

Marco Túlio Santana dos Reis

Monaliza Angélica Santana

RESUMO

A arte é um elemento muito significativo no processo do desenvolvimento humano, sendo esta intrínseca ao ser. Pode-se pensar que a proposta de trabalho com arte na educação poderia ter estratégias e metodologias mais exitosas para o ensino, a construção e a ressignificação dos saberes. Busca-se compreender se a abordagem triangular de Barbosa (1987), que versa sobre o conceito da arte-educação, tem sido explorada de forma pedagógica, técnica e metodológica em sala de aula. O Ministério da Educação, quando instituiu a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/1996), dedicou uma parte em seu documento para tratar da obrigatoriedade curricular do ensino da arte pela escola. A arte possui quatro expressões, quais sejam: artes visuais, música, dança e teatro. E a abordagem triangular, sendo uma metodologia, se constitui de três passos principais: contextualizar, apreciar e fazer. Pretende-se identificar se a metodologia, com as quatro linguagens da arte, quando utilizada em sala, leva o aluno de fato a pensar e refletir sobre o processo de aprendizagem. Ao ressignificar o processo de educação em arte na escola, constata-se que ela não possui um fim em si mesma, mas abre as portas da cognição e possibilita criar estruturas, que o aluno não estava pronto a assumir.

Palavras-chave: Arte. Educação. Metodologia. Abordagem Triangular.

ABSTRACT

Art is a very significant element in the process of human development, and being this, intrinsic to the being. It may think that the work proposal with art in education could have more successful strategies and methodologies for teaching, the construction, and the re-signification of knowledge. It seeks to understand if Barbosa's (1987) triangular approach which deals with the concept of art-education, has been explored in a pedagogical, technical and methodology way in the classroom. When the Ministry of Education instituted the law of Directives and Basis for Education (LDB nº 9.394/1996), it dedicated a part in its document to deal with the teaching curriculum obligatoriness of art by the school. The art has four expressions, which are named: visual arts, music, dance, and theater. And, the triangular approach being a methodology, it consists of three main steps: to contextualize, to appreciate, and to do. It intends to identify if the methodology with the four art languages when used in the classroom, it takes in fact, the students to think and to reflect about the learning process. By re-signifying the process of art education in the school, it verifies that it doesn't have an end in itself, but it opens the cognition doors and enables to create structures which the student was not ready to assume.

Keywords: Art. Education. Methodology. Triangular Approach.

INTRODUÇÃO

Arte, tema deste estudo, etimologicamente do latim ‘*ars*’, significa literalmente ‘técnica’, ‘habilidade natural ou adquirida’ ou ‘capacidade de fazer alguma coisa’, segundo o Dicionário Etimológico *Online*. Assim, arte é tudo aquilo que se necessita de uma técnica para se concretizar, em qualquer segmento da expressão artística. A arte é um agente estimulador dos seres humanos desde o início da vida humana na Terra. Busca-se registrar, escrever, marcar, delimitar aquilo que pertence ao homem ou que é fruto dele.

[a] manifestação artística tem em comum com o conhecimento científico, técnico ou filosófico seu caráter de criação e inovação. Essencialmente, o ato criador, em qualquer dessas formas de conhecimento, estrutura e organiza o mundo, respondendo aos desafios que dele emanam, num constante processo de transformação do homem e da realidade circundante (BRASIL, 1997, p. 26).

O ser humano utilizou-se da arte, ao longo de seu processo de desenvolvimento. O homem sempre foi visto como criador, intérprete e possuidor da arte, inata ao ser, pois, desde pequeno, quando criança, brinca do “fazer arte” e, ao longo do tempo, aperfeiçoa essas habilidades para a criação. Como exemplos da história da arte no mundo, podemos citar alguns momentos, tais como: quando ela foi um meio de deixar marcas que eram próprias dos homens (pinturas rupestres); também era uma forma de comunicação (símbolos para contar a quantidade de animais); criação de objetos para facilitar sua vida cotidiana (vasos para transporte de água). Assim, desde sempre, o homem identificou a necessidade de ter a arte em sua vida e também sua função de utilidade, sem necessariamente saber o que era o conceito de arte.

Pela evidente proximidade da arte com a vida humana, ela foi estruturada e se tornou um instrumento para a apropriação de diversos conhecimentos, como na área da aprendizagem humana e assim legitima-se a sua presença, trabalho e estudo na escola.

A Lei n. 9.394/1996, que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), afirma, no artigo nº 26, § 2º, que “[o] ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. E também discriminava cada uma das expressões no § 6º “[a]s artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” (BRASIL, 1996).

Porém a redação foi atualizada pela Lei nº 13.415/2017, elencando o seguinte, “§ 2º [o] ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente

curricular obrigatório da educação básica” (BRASIL, 2017), valorizando, assim, o contexto cultural de cada aluno.

Sancionada a obrigatoriedade do ensino de arte nos currículos, revela-se que a arte na escola ainda tem valor eminente e insubstituível, permitindo uma reflexão. Quando essa lei foi aprovada, pesquisas e estudos que englobam este tema foram feitos no Brasil e, assim, considerada a grande relevância de seu trabalho no campo educacional, logo se instaurou no currículo. “[N]osso objetivo na escola não é ter um aluno-autor, um aluno-pintor ou um aluno-compositor, mas sim dar oportunidades a cada um de descobrir o mundo, a si próprio e a importância da arte na vida humana (REVERBEL, 1997, p. 25).

Quando foi sancionada a LDB nº 9.394/1996, e quando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) dedicaram espaço em seus documentos para tratar desse assunto, levaram-se em conta todas as oportunidades que a escola deve oferecer à criança como apreciadora de todos os bens culturais que já foram produzidos pela humanidade, até agora. Mesmo que posteriormente o aluno não vá se tornar uma artista, ou um cantor, ou um dançarino, a escola, com papel de divulgadora de todo o saber acumulado de todos os tempos, deve proporcionar aos alunos momentos de apreciação e vivência das artes, pois esses alunos já são e continuarão a ser apreciadores de todas as formas de arte, a que tiverem acesso.

Nenhuma pessoa nasce com capacidades idênticas à outra, seja para construir conhecimento seja para apreciar e fazer arte. Cada pessoa nasce com habilidades específicas ou as desenvolve por meio de outras pessoas que já possuem tais habilidades, pois

[o] cérebro de qualquer pessoa, contém todo o potencial de percepções, belezas e arranjos linguísticos, simbólicos, cinestésicos, pictóricos e lógicos que abrigam todo o saber humano possível. Todo ser humano é saber em semente, pronto para brotar e florescer tão logo aprenda a construir-se em comunhão com o objeto imprescindível de todas as fantasias previsíveis – o mundo em que vivemos (ANTUNES, 2001, p. 9).

A aprendizagem, em qualquer âmbito, perpassa várias capacidades cognitivas de cada pessoa. Por isso, para que os trabalhos com as expressões artísticas tenham resultados, devem utilizar todos os tipos de estímulos para que os apreciadores possam encontrar um modo de conseguir fazer com que sua apreciação tenha valor e seja significativo a eles. Antunes revela que

[a] aprendizagem se organiza de uma maneira mais completa no cérebro de uma pessoa quando solicita sua ação sobre o conhecimento e esta se manifesta mais

organizada quando atravessa diferentes habilidades operatórias que poderiam representar diferentes estímulos para que o aluno perceba a essência do aprendido. As habilidades levam o aluno a se construir como agente de sua própria aprendizagem: observar, conhecer, separar, reunir, combinar, classificar, criticar, debater. Deduzir, analisar, refletir, criar, adaptar, planejar, selecionar, liderar, negociar, discriminar e outras. (ANTUNES, 2003, p. 19)

O sentido de se trabalhar a arte na educação, pressupõe que haja objetivos e pressupostos enriquecedores, a fim de que os seus expectadores possam se tornar, posteriormente, seus legítimos fruidores. Dessa maneira, expõe-se o trabalho metodológico de arte-educação através de um método dos anos de 1989, desenvolvido por Ana Mae Tavares Bastos Barbosa, que proporciona o desenvolvimento das várias áreas do ser. Recebeu o nome de Abordagem Triangular, significando que, para o trabalho com a arte, deve-se passar por 3 passos principais e é considerado por ela como [n]uma perspectiva construtivista, interacionista, dialogal e multiculturalista. (BARBOSA, 1998, p. 41).

PROBLEMA

Dentro do currículo escolar, historicamente, é comprovado o grande auxílio que a arte proporciona para o ensino, como subsídio para outras disciplinas, como também é considerada uma matéria para estudo. Assim, procura-se observar as definições que abarcam o tema sobre arte-educação e as metodologias empregadas.

A arte, bem como a abordagem triangular de Barbosa, tem sido explorada de forma pedagógica em suas técnicas e metodologias específicas, para o trabalho com os alunos em sala de aula?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A arte, aborda quatro linguagens específicas que são: artes visuais, música, dança e teatro.

Para se tratar sobre artes visuais, deve-se considerar que se trata de um conceito muito amplo, contudo pode caracterizar-se como qualquer forma de representação visual de cor e forma.

O RCNEI abarca o tema do desenvolvimento da arte, pela criança, num contexto social, pois

[a] arte da criança, desde cedo, sofre influência da cultura, seja por meio de materiais e suportes com que faz seus trabalhos, seja pelas imagens e atos de produção artística que observa na TV, em revistas, em gibis, rótulos, estampas, obras de arte, trabalhos artísticos de outras crianças etc. (BRASIL, 1998, p. 88).

Logo, toda expressão artística tem influência intrínseca da forma como o mundo é apresentado à criança. Consideram-se as artes visuais uma das primeiras experiências das crianças no fazer arte e se constituem como fruto de suas mãos, moldes de seu pensamento. Em sua produção não há critérios pré-programados para seguir, entretanto, ao passo que seu desenvolvimento evolui, elas vão progressivamente entendendo que para cada modalidade há técnicas diferentes de produzir.

[a]o final do seu primeiro ano de vida, a criança já é capaz de, ocasionalmente, manter ritmos regulares e produzir seus primeiros traços gráficos, considerados muito mais como movimentos do que como representações. É a conhecida fase dos rabiscos, das garatujas. A repetida exploração e experimentação do movimento amplia o conhecimento de si próprio, do mundo e das ações gráficas. Muito antes de saber representar graficamente o mundo visual, a criança já o reconhece e identifica nele qualidades e funções. Mais tarde, quando controla o gesto e passa a coordená-lo com o olhar, começa a registrar formas gráficas e plásticas mais elaboradas (BRASIL, 1998, p. 91).

A partir de então, quando a criança já passou pela fase de que a produção é puramente motora, a garatuja, ela, quando adentra o espaço escolar, ainda traz consigo alguns resquícios dessa fase, porém, com as intervenções que o professor fará com ela, esta começará a aperfeiçoar suas técnicas, sendo que serão desenvolvidas e apresentadas a seu tempo. Na escola, as primeiras experiências com a arte se dão pela forma das artes visuais e elas se identificam em quatro vertentes, que são: o desenho, a pintura, a arte tridimensional e recorte e colagem. Essas expressões são distintas, porém iguais em valor estético e produção.

O desenho, manifestação artística desde a mais tenra idade, é o primeiro contato que a criança tem com suas expressões para o exterior a respeito daquilo que perpassa sua imaginação. Por isso, em diversas vezes, elas desenhavam em lugares inapropriados como carteiras, paredes, sofás. É algo inato ao ser humano criar e isto é mais visível nessa idade, quando a criança tem uma maior plasticidade cerebral.

A pintura, por necessitar de instrumentos específicos, normalmente se faz quando a criança chega à fase escolar, quando terá um professor que a orientará sobre qual o trabalho a ser desenvolvido. A pintura é quando se utiliza algum líquido pastoso com pigmentação coloral para se fazer a obra em papel, tela ou parede. O trabalho com a pintura faz perceber

fisicamente que a mistura de cores se transforma em outras e, dependendo da quantidade utilizada, a tinta ficará mais ou menos densa, provocando mudança em sua textura.

A arte tridimensional é umas das expressões das artes visuais que mais tem ganhado espaço na apreciação ultimamente. Antes, tudo o que se fazia era bidimensional, comprimento *versus* altura, entretanto, a partir de algum tempo, até as ilustrações de figuras geométricas começaram a ser tridimensionais, como nos livros didáticos. Assim, uma figura tridimensional é caracterizada por comprimento *versus* altura *versus* largura, ou seja, tudo aquilo que pode ser palpável, capaz de proporcionar a visão dos lados que compõem a figura.

Tratando de recorte e colagem, preconizado na educação infantil e nos anos iniciais, é o momento em que os alunos podem rasgar, cortar, amassar, triturar, recortar para se chegar a um outro produto, a uma nova produção artística.

[a]s artes visuais têm sido, também, bastante utilizadas como reforço para a aprendizagem dos mais variados conteúdos. São comuns as práticas de colorir imagens feitas pelos adultos em folhas mimeografadas, como exercícios de coordenação motora para fixação e memorização de letras e números (BRASIL, 1998, p. 87).

A utilização da arte, segundo o RCNEI, se insere no quadro do plano de ensino, pois se constitui como matéria de apreensão de conceitos e formas que serão solicitados posteriormente na fase de alfabetização ou em qualquer outro momento da vida.

No que tange à linguagem musical, parte integrante da expressão em artes, se configura como a “[1] combinação harmoniosa e expressiva de sons, ² a arte de exprimir por meio de sons, seguindo regras variáveis conforme a época, a civilização, etc. (HOUAISS, 2009, p. 1.335). Antes de tudo, para se constituir música, há uma intencionalidade que perpassa a sensibilidade para se concretizar na letra e na melodia, alcançando assim os objetivos pré-definidos.

Os PCN em Arte dizem que “[a] música sempre esteve associada às tradições e às culturas de cada época” (BRASIL, 1997, p. 53), mostrando que a linguagem musical é dinâmica, pois ela atende e é composta das camadas populares até as eruditas, revelando um contexto, uma história, algo que houve e tem sentido para ser eternizado através de uma composição, de tal modo que toda pessoa, indiferente da sua camada social, pode compor uma letra, como também, o ritmo de uma música – corda, sopro, batuque, etc.

[...] qualquer proposta de ensino que considere essa diversidade precisa abrir espaço para o aluno trazer música para a sala de aula, acolhendo-a, contextualizando-a e

oferecendo acesso a obras que possam ser significativas para o seu desenvolvimento pessoal em atividades de apreciação e produção (BRAIL, 1997, p. 75).

Atualmente, no que se refere à arte, há de se levar em conta a importância da contextualização do trabalho, seja em qualquer expressão. Quando se trata da música, as interpretações que são feitas irrefletida e indiscriminadamente fazem com que as letras assumam conotações a que não foram destinadas. No entanto, não é que se retira do apreciador sua subjetividade, mas se propõe a ele que possa analisar e interpretar também na perspectiva do autor, dinamizando assim o trabalho em sala de aula, desde a apreciação até a produção.

A LDB, no artigo 26, § 2º, postula “[o] ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais” (BRASIL, 1996). Neste aspecto, a inserção da musicalidade na educação, desde os primeiros anos da educação básica, se faz necessária para que a criança, iniciando sua vida na escola, possa ter o contato direto com a produção artística regional, ou seja, aquilo que faz parte de sua comunidade, aquilo que tem significado para ela e para os que a rodeiam.

[o] desenvolvimento da imaginação criadora, da expressão, da sensibilidade e das capacidades estéticas das crianças poderão ocorrer no fazer artístico, assim como no contato com a produção de arte presente nos museus, igrejas, livros, reproduções, revistas, gibis, vídeos, CD-ROM, ateliês de artistas e artesãos regionais, feiras de objetos, espaços urbanos etc. O desenvolvimento da capacidade artística e criativa deve estar apoiado, também, na prática reflexiva das crianças ao aprender, que articula a ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição e a imaginação (BRASIL, 1998, p. 89).

Mesmo na infância, a criança necessita reconhecer a produção de pessoas que moram e fazem arte no bairro, na cidade ou na região em que residem. Essa produção que ocorre fora dos muros da escola, quando a escola a reconhece e entende que tem sentido para o desenvolvimento da criança e é evidenciado por ela, concorrerá para a construção de futuros cidadãos, conscientes da valorização do meio em que vivem e que deverão ter zelo enquanto partícipes da sociedade como um todo.

Saindo do “*lòcus*” regional, há necessidade também de serem trabalhados os tipos de expressões culturais relativos a outros povos e civilizações. Haja vista a necessidade presente, na criação do sentimento de aproximação do outro que é diferente, pois, no mundo atual e intolerante, deve ser incitado desde a infância esse sentimento.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que foi lançada em 2017, acerca da proposição sobre o respeito, diz que

[o] componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas (BRASIL, 2017, p. 151).

Assim, a busca da perspectiva de que não há somente uma cultura, enquanto há um só povo no globo terrestre, almejando-se a busca pela alteridade no aluno, o modo de olhar através do olhar do outro; como o outro que é diferente vive, qual a perspectiva que ele tem da vida, o que condiciona a ele pensar dessa maneira; fazendo com que criem o sentimento de respeito através do estudo das outras culturas, aspirando a realização do fato de que a educação em arte gera nos homens a reflexão.

Em relação à linguagem da dança, segundo o dicionário Houaiss (2009, p. 594) significa “[¹]arte e/ou técnica de dançar; ²conjunto organizado de movimentos ritmados do corpo, acompanhados por música; bailando”. Para se caracterizar como dança, há de se considerar primeiro que toda produção artística inicialmente parte de um fim a se alcançar. Para que o artista em dança tenha êxito em sua apresentação, tem-se a necessidade de harmonizar a música e os gestos.

A dança envolve basicamente o conhecer-se. Merleau-Ponty (1945, apud BLASCOVI-ASSIS, 1991, p. 4-5),

[...] define o esquema corporal como uma tomada de consciência global do indivíduo no mundo intersensorial, ou ainda uma maneira de expressar que ‘meu corpo está no mundo’, conhecer seu corpo, suas capacidades, aumentar-se, diminuir-se; como fazer com que um gesto represente um sentimento ou emoção, sua orientação espacial, como também permite conhecer até onde se pode ir e onde começam as suas limitações.

Segundo as orientações dos PCN para o ensino de Arte,

[a] atividade da dança na escola pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim, poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade (BRASIL, 1997, p. 49).

O sentido de se trabalhar dança se dá pela necessidade de auxiliar as crianças no desenvolvimento de suas estruturas corpóreas, como a motricidade, o ritmo, o compasso, bem como de sensibilizá-las sobre o sentido estreito entre a dança e a música, pois, dependendo do ritmo da música, os gestos da coreografia ora serão rápidos, ora devagar.

A linguagem teatral é uma expressividade cultural milenar; a palavra teatro, segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010, p. 730), significa “[?]a arte de representar. ³Coleção das obras dramáticas de um autor, uma época ou uma nação”. Uma das formas mais apreciadas da arte é o teatro. Ao longo dos séculos, percebe-se como foi se dando uma importância peculiar a ele. Isso pode ser visto, devido a tantas construções erguidas para abrigar o palco.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que

[a]o participar de atividades teatrais, o indivíduo tem a oportunidade de se desenvolver dentro de um determinado grupo social de maneira responsável, legitimando os seus direitos dentro desse contexto, estabelecendo relações entre o individual e o coletivo, aprendendo a ouvir, a acolher e a ordenar opiniões, respeitando as diferentes manifestações, com a finalidade de organizar a expressão de um grupo (BRASIL, 1997, p. 57).

O teatro possui também uma responsabilidade social, fazer a integração de indivíduos e oportunizar-lhes exercer seus direitos de subjetividade, como também, saber viver em conjunto. Na apresentação teatral, notam-se profundamente as dimensões que envolvem a arte de atuar, tais como: a intensidade, a intencionalidade, as vontades, os sentimentos, a persuasão e a determinação.

No contexto da apresentação teatral, ela se dá pelo momento em que o artista incorpora o personagem que vai representar, tal qual ele é, fazendo que, por diversas vezes, os personagens apresentados possuam categoricamente o jeito de “ser humano”. As oportunidades de apreciação do teatro são momentos em que se proporciona ao público trazer para fora o que muitas vezes queriam ou até pensam, mas não tem oportunidades ou até mesmo coragem para externalizar.

Os PCN, ao falarem sobre o teatro em âmbito escolar, esclarecem o fato de

[a] criança, ao começar a frequentar a escola, possui a capacidade da teatralidade como um potencial e como uma prática espontânea vivenciada nos jogos de faz-de-conta. Cabe à escola estar atenta ao desenvolvimento no jogo dramatizado oferecendo condições para o exercício consciente e eficaz, para aquisição e ordenação progressiva da linguagem dramática. Deve tornar consciente as suas possibilidades, sem a perda da espontaneidade lúdica e criativa que é característica da criança ao ingressar na escola (BRASIL, 1997, p. 57).

A teoria da Tábula Rasa de John Locke (1690), que versa sobre a criança ser uma folha em papel em branco e que chega à escola para tudo aprender, hoje é ultrapassada. Hoje, baseado na psicologia da teoria de Levy Vygotsky (1917), o homem é visto como um ser

sócio histórico cultural. Antes de chegar à escola, a criança já viveu e experienciou inúmeras oportunidades de construir conhecimentos e pensamentos que lhes são subjetivos e a escola aparece como continuação daquilo que a ela já foi possibilitado viver.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, deve-se priorizar as vivências que o jogo do “faz-de-conta” permite viver. Esse jogo é um instrumento do teatro que se mostra um mecanismo eficaz na formação da personalidade humana, pois, segundo Lowenfeld, (1954, p. 17), “[s]e a criança, em seu trabalho criador, procura continuamente relacionar entre si todas as suas experiências, tais como pensar, sentir, perceber (ver, tocar etc.), tudo isso deve também exercer um efeito de integração sobre a sua personalidade”.

A idade em que as crianças adentram os muros da escola é a mais propícia para tal formação da personalidade, pois a criança está aberta ao novo, ao diferente e as práticas que o teatro propõe fazem com que os alunos possam ir assimilando o respeito, a alteridade, a noção de individualidade e coletividade, de forma vivida por eles mesmos e não ensinados.

[q]uando a criança está envolvida em fazeres com significado, quando sabe o porquê e o para quê das suas ações e mobiliza-se emocionalmente para alcançar seus objetivos, ela está em atividade e, por isso desenvolve de forma plena as suas capacidades, tomando, paulatina e progressivamente, consciência dos motivos de sua conduta (LEONTIEV, 2010 apud BISSOLI, 2014, p. 589).

Todas as quatro expressões artísticas são relevantes para o desenvolvimento integral do aluno e elas devem ser trabalhadas de modo contínuo. Dessa maneira, em 1989, surge para o trabalho com arte na escola a educadora Ana Mae Barbosa com a Abordagem Triangular. No contexto da época em que Barbosa surgia, o trabalho com a arte carecia de um método, tendo em vista que, essa elaboração da arte entre professor e alunos não ocorria. O próprio RCNEI (BRASIL, 1998, p. 87) diz que, muitas vezes, o trabalho com a arte era somente para distração, sem nenhum conteúdo, e necessitava de que o trabalho com a arte fosse significativo aos alunos.

Barbosa reconhece que a escola é a principal divulgadora da arte:

[a] escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a maioria dos estudantes em nossa nação. Isto não é só desejável, mas essencialmente civilizatório, porque o prazer da arte é a principal fonte de continuidade histórica, orgulho e senso de unidade para uma cidade, nação ou império, disse Stuart Hampshire alguma vez em algum de seus escritos (BARBOSA, 1991a, p. 33).

Para que a história de um povo ou nação seja construída, há de recordar sempre a história pela qual passou e a arte é uma das formas como todos os povos retratam a história.

Dessa forma, a escola,, como proporcionadora da apreciação, do estudo e do conhecimento da arte, faz com que a história se perpetue. Barbosa (1991, p. 32), nessa perspectiva, diz que o principal objetivo da arte na escola é “[f]ormar o indivíduo conhecedor, fruidor e decodificador da própria arte”. Todos os tipos de arte devem ser abordados na escola, as quatro linguagens, os que retratam o passado ou a contemporaneidade, pois cada aluno consegue desenvolver-se através de estímulos diferentes.

Através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica e assim analisar a realidade percebida, pela criatividade, de modo a mudar de alguma forma a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2003, p. 23).

A produção de arte faz com que seus utilizadores durante a produção artística se reconheçam no coletivo, desenvolvendo o trabalho em grupo e a criatividade. Tendo em vista os aspectos observados, as contribuições do trabalho com arte em ambiente escolar são inegáveis e oportunizam o levantamento da questão: Qual espaço ainda não é oferecido à arte pensando que ela seja perda de tempo e de não favorecimento para apreensão de outros aspectos relacionados a cognição?

Ultrapassando essa visão retrógrada e não utilitarista para a escola, Barbosa elaborou a abordagem triangular. Hoje, essa perspectiva é atualíssima e se tornou referência em vários projetos de arte-educação em todo o Brasil, principalmente a partir das propostas feitas pela Escola Nova. Nesse aspecto, a abordagem se dá da seguinte forma: Conhecer, Apreciar e Fazer. A abordagem triangular não é um trabalho sem fundamentos, antes, sobretudo de sua utilização, é necessário o método. Que são em 3 etapas:

Contextualização artística: Para se trabalhar com a arte qualquer variante da arte – artes visuais, teatro, música, dança – é necessário fazer com que os que se tornarão seus utilizadores saibam o que é importante: a sua identificação, quem criou, onde foi, como foi, quais as perspectivas do criador. O trabalho com arte é cheio de significados, por isso a importância de serem trabalhadas suas expressões e também o momento em que ela foi criada. Sobre a contextualização, Barbosa disse:

[a] produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca (BARBOSA, 2007b, p. 34).

Apreciação: Se dá entre o espectador e a obra. É a oportunidade em que o espectador pode analisar todas as características da obra de qual caráter for; educando o apreciador no senso estético e qualitativo da obra. E nisso há uma questão: a subjetividade, aquilo que cada um vê e sente, podendo ser diferente das pretensões do autor da obra.

[...] quando falamos de apreciação artística implica a existência de conhecimentos e saberes sobre instrumentos e meios de leitura da obra de arte, a transmitir a um determinado público, num determinado contexto e segundo estratégias programadas para o ajudar a atingir uma observação estética, ultrapassando a simples observação prática ou descritiva (PARINI apud REGALO, 2006, p. 11).

Fazer Arte: Momento que se oportuniza o fazer arte. Após a contextualização e a apreciação, os alunos já estão munidos de saberes para poderem colocar em execução aquilo que sua imaginação pode criar. Sobre esse momento, Barbosa diz “[o] importante é que o professor não exija representação fiel, pois a obra observada é suporte interpretativo e não modelo para os alunos copiarem” (BARBOSA 2005, p. 144).

Com esta perspectiva sobre a abordagem triangular, reconhece-se a necessidade de se trabalhar arte a partir dessa orientação. Busca-se que os apreciadores e fruidores de arte nas escolas possam entender o porquê da importância de fazer parte de toda produção cultural feita no mundo.

[e]m nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens (BARBOSA, 1998, p. 17).

OBJETIVO GERAL

Verificar se as abordagens metodológicas estão em acordo com uma abordagem contextual significativa e que levem o aluno a refletir.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Observar em escolas o trabalho com as quatro linguagens da arte e descrever as formas como as expressões artísticas são trabalhadas através das metodologias mais exitosas em cada uma delas.

- b) Identificar as contribuições e os desenvolvimentos cognitivo e psicológico que se expressam através do trabalho com arte na escola.
- c) Analisar se a perspectiva de Ana Mae Barbosa sobre a abordagem triangular tem resultados profícuos em sala de aula.

METODOLOGIA

No que se refere ao enfoque metodológico, essa pesquisa deseja analisar o problema em caráter quantitativo e qualitativo, pois, segundo Bardin (2006, p. 158), “[a] análise de conteúdo é um método que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa como na investigação qualitativa, mas com aplicação diferente”. Busca-se na primeira etapa a leitura e análise de pesquisas em livros, revistas, jornais, matérias escritas e *on-line* que tratam da temática de arte para subsidiar as próximas etapas do trabalho.

Também serão realizadas progressivamente pesquisas de campo com professores dos anos iniciais do ensino fundamental sobre o trabalho pedagógico, técnico e metodológico, englobando aspectos do ensino de arte com alunos desse nível, através de questionário com questões objetivas e também subjetivas, observando assim os aspectos qualitativos e quantitativos.

Posteriormente, com a análise e a consolidação dos resultados dos questionários, haverá possibilidade de compreensão mais profunda dos mesmos, conseqüentemente, uma visão mais fidedigna dos resultados obtidos.

RESULTADOS

Este trabalho ainda se encontra em processo de constituição. Os resultados obtidos são apenas parciais e os questionários ainda não foram analisados, obtendo-se, assim, somente resultados da bibliografia analisada.

A arte num contexto educacional pode ser a porta que abre inúmeros caminhos para o desenvolvimento holístico dos alunos, pois auxilia no desenvolvimento cognitivo, na perspectiva da abstração. Diante de vários problemas que surgem no processo de ensino-aprendizagem, a arte é uma metodologia em que a criança age sobre o objeto a ser estudado, criando e recriando em seu pensamento aquilo que para ela faz sentido e, assim, provoca uma aprendizagem significativa, pois ela irá entender. E entendendo, terá sentido para ela.

O trabalho com a arte provoca também nos alunos uma oportunidade de eles mesmos fazerem arte. O aluno, quando chega à escola, possui uma infinidade de experiências que já

lhe foi possibilitado viver em casa, na família, no bairro. E isso influi em sua produção em sala de aula, expressando como pensa, vive e qual a sua relação com o mundo. Do ponto de vista social, quando se trabalha com a arte, se oportuniza também a “arte de sensibilizar o olhar” diante do aspecto do conhecer a arte desenvolvida por outros povos, o que os condicionavam que pensassem dessa forma, fazendo com que os alunos pratiquem desde a infância, a alteridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira etapa do desenvolvimento deste trabalho, verifica-se que a arte possui várias dimensões e que ela, ao longo do tempo, apresentou diversas características e significados próprios que a fazem ser única no tempo e no espaço que compreende a sua criação. Através de estudos realizados sobre arte, o Ministério da Educação decidiu que era importante a sua inclusão no currículo escolar, devido ao seu destaque como forma de expressão. Ela consegue, também, levar seus criadores a mostrar aquilo que está dentro de si, pois é o próprio aluno que age sobre o que produz, tornando significativo o conhecimento adquirido por ele. Na escola, ela recebe uma roupagem nova e é contextualizada para o fim a que se destina, se destacando como área do conhecimento e facilitadora cognitiva para as demais áreas da aprendizagem. O trabalho de arte em âmbito escolar pode ser verificado também como uma maneira de criar estruturas psicológicas sobre a personalidade da criança.

A abordagem triangular tratada neste trabalho se mostra como um plano de atividade mais completo e pragmático para se instaurar o ensino de arte-educação. A arte como conhecimento possui metodologias próprias, as quais podem ser utilizadas em sala de aula. Todavia, a produção artística, em especial dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental que já começam a delinear seus modos de pensar criticamente, deve ser considerada em aspectos estéticos e artísticos. É função do professor analisar os meios para a produção e os “produtos” artísticos feitos em sala, auxiliando no que for necessário para a identificação de problemas vinculados à aprendizagem, ao comportamento e às decisões, mais especificamente ao currículo oculto que, através da arte, possui grande visibilidade em sala de aula, resultando em soluções para esses problemas identificados.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. *Como desenvolver conteúdos explorando as inteligências múltiplas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- ANTUNES, Celso. *Como transformar informações em conhecimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo*, São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 1998. 198 p, il. (Arte E ensino).
- _____. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991^a, 2007^b.
- _____. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. CUNHA, Fernanda Pereira. *A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.
- BISSOLI, Michelle de Freitas. *Desenvolvimento da personalidade da criança: o papel da educação infantil*. Psicologia em Estudo. (on-line). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n4/1413-7372-pe-19-04-00587.pdf>>. v. 19, n. 4, Maringá, out./dez. 2014, p. 587-597. Semestral. ISSN 1807-0329. Acesso em 07 abr. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.
- _____. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- _____. Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- COLI, Jorge. *O que é arte*. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- COLL, César; TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo Arte: conteúdos essenciais para o ensino fundamental*. São Paulo: Ática, 2008. (Coleção Aprendendo)
- COSTA, Cristina. *Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico*. São Paulo: Moderna, 2004.
- DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO ONLINE. Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/arte/>>. Acesso em 25 mar. 2017.
- FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. *Metodologia do ensino da arte*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa/Aurélio Buarque de Holanda Ferreira*. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FRENDA, Perla. *Arte em interação*. 1 ed. São Paulo: IBEP, 2013.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte*. 2 ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1954.

O DESENVOLVIMENTO da Personalidade Humana, Disponível em:
<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/o-desenvolvimento-da-personalidade-humana/25574>>. Acesso em 25 mar. 2017.

REGALO, Maria Helena. *A mediação do olhar: estratégias de apreciação artística no Museu Nogueira da Silva*. Repositorium, Braga, 2006.

REVERBEL, Olga. *Um caminho do teatro na escola*. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1997.